

HIV: CIÊNCIA AVANÇA, ESTIGMA PERSISTE

POR GIOVANNA KUNZ E EDUARDO FERNANDES

Quando recebeu o diagnóstico de HIV, em 1988, época em que isso representava quase uma sentença de morte, o ativista dos direitos humanos e militante da luta contra a aids Christiano Ramos, 58 anos, acreditou que não teria futuro. No entanto, mesmo com muitos medos e preconceitos, transformou a dor em luta e fundou a ONG Amigos da Vida, que presta apoio multidisciplinar às pessoas vivendo com HIV/aids em situação de alta vulnerabilidade social. A trajetória dele é reflexo de um movimento que, em diferentes vozes e gerações, mostra que a epidemia do vírus continua a desafiar o Brasil, mas também revela caminhos de resistência, ciência e esperança.

Em 2023, o Brasil registrou 46.495 novos casos de infecção pelo HIV, revelando um retrato complexo da epidemia. O perfil das pessoas diagnosticadas mostra uma predominância masculina: 73,3% dos casos ocorreram em homens contra 26,7% em mulheres. A juventude aparece como a faixa etária mais atingida, com 63% das notificações concentradas entre 20 e 39 anos. Entre os adolescentes de 15 a 19 anos, os números são menores, mas 4,3% das novas infecções ocorreram nessa faixa etária, o que indica um início precoce da exposição.

Reconhecido historicamente por ter uma das respostas mais rápidas e abrangentes ao HIV, o Brasil garantiu acesso ao tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e hoje conta com 859.100 pessoas em terapia antirretroviral. Ainda assim, o país convive com desafios para além das barreiras médicas, pois o caminho até os serviços de saúde ainda é marcado por estigma, discriminação, homofobia e transfobia. De acordo com Christiano Ramos, quando descobriu que tinha sido contaminado com o vírus, não tinham medicações que controlassem o HIV, então escondeu o diagnóstico da família por sete anos, pois tinha medo de adoecer e levar sofrimento para eles.

Ao assumir a sorologia publicamente, o ativista foi acolhido pelos parentes, mas sofreu preconceito no próprio local de trabalho. "O garçom que servia o gabinete parlamentar onde eu trabalhava separou

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Christiano Ramos é ativista e portador do vírus HIV há 37 anos

meu copo, xícaras e talheres", conta. Mesmo assim, ao iniciar o tratamento, retomou a vida em sua plenitude, tornou-se um militante da luta contra a aids e, hoje, vive com o vírus há 37 anos.

O infectologista Vinícius Borges destaca que o preconceito é uma das maiores barreiras da luta contra o HIV. "Muita gente evita se testar por medo do estigma de um resultado positivo. E quem recebe o diagnóstico pode abandonar o tratamento se não tiver acolhimento", afirma. "O HIV nos ensina que saúde não é só remédio, é também empatia, escuta e combate ao estigma."

Uma faceta complexa

A dona de casa Amanda Costa (nome fictício), 46, sofre preconceito na pele. Além de receber olhares condenadores frequentemente, chegou a ser demitida de um supermercado quando souberam que ela era portadora do HIV. Amanda contraiu o vírus aos 23 anos do então namorado, que ela desconfia que sabia que era soropositivo, mas não se cuidava e passou para ela. "De primeira, foi desesperador, demorei a me recuperar quando descobri o diagnóstico. Os maiores medos que eu tive foram de minha família ficar sabendo, de morrer e da discriminação."